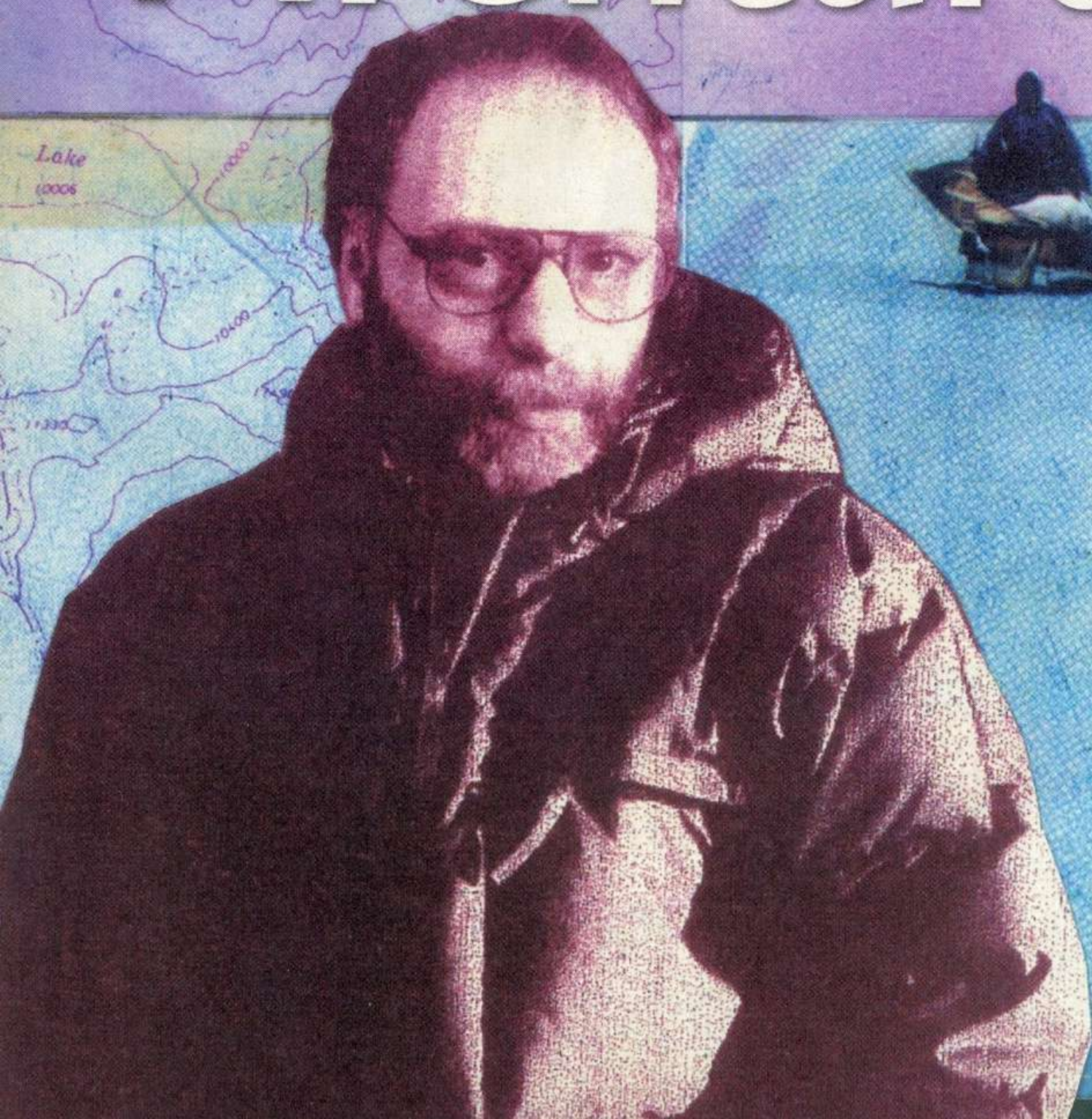


Aventura



Um passeio de trenó me levou a
outro mundo... | POR BRIAN KEENAN

no Alasca



– E ENTÃO, O QUE VOCÊ achou do seu primeiro passeio de trenó? – perguntou Dan, um condutor de trenós a quem fora apresentado. Ele e seus 24 cães viviam numa região inóspita nos arredores de Fairbanks, a segunda cidade do Alasca. Havíamos acabado de voltar de um eletrizante passeio, e Dan me deixara até tentar “dirigir” no caminho de volta.

– Muito fácil. – Não resisti e acrescentei: – Foi divertido, mas acho que faria aquilo de olhos vendados.

Imaginei que ele apreciaria meu estilo rebelde, mas sua resposta me surpreendeu. Com um sorriso casual, disse secamente:

– Combinado!

Ainda restavam algumas horas de luz à noite. Segundo Dan, era a melhor hora para ver a paisagem. "Não há o reflexo do sol na neve e a lua ilumina o lugar de forma especial." Enquanto continuava a atrelar as duas equipes de cães, seis no meu trenó e oito no dele, lembrou-me dos princípios básicos de condução: inclinar-se nas curvas e usar o pé como freio.

- Você está sem lastro a bordo, o que torna o trenó muito leve, por isso é preciso criar a própria tração. Você está viajando sobre a neve, e não através dela.

Dan colocou seus cães na frente do meu trenó e estava prestes a partir quando eu pedi ajuda:

- Como é que eu faço as curvas?

- Grite *gee* para virar à direita e *haw* para virar à esquerda; isso é tudo de que precisa saber. Mas grite claramente e repita até o cão líder começar a virar.

Seguindo o exemplo de Dan, corri os primeiros metros antes de pular a bordo e segurar firme na barra de apoio. *Ben* era o cão líder, e os outros animais latiam e mordiam para afirmar suas posições. A princípio, deslizávamos com facilidade sobre a vegetação coberta de neve, mas, quando Dan acelerou, o terreno estava mais áspero e cheio de fendas, seguidas de declives curtos e íngremes. Os cães estavam em seu ambiente e assumi-

ram o controle com indiferença. Eu não controlava nada. Nenhuma parte de mim estava conectada aos animais que nos impulsionavam. Minhas mãos me seguravam no trenó, mas isso era tudo o que faziam. Não havia volante para eu dirigir, nem embreagem, câmbio ou acelerador para controlar a velocidade. Não havia nada, nem um par de rédeas para que eu se-

gurasse e tivesse algum poder sobre as criaturas que me conduziam num ritmo acelerado.

Dan corria com imprudência, o corpo tão flexível quanto gelatina. Eu temia a distância que se abria entre nós, e meus cães pareciam ansiosos, mas esti-

mulados por ela. O trenó dava solavancos e saltava no ar, batendo no chão e fazendo os cachorros se esticarem e brigarem por causa da minha incompetência. Eu não havia me esquecido de usar o pé como freio, ou da necessidade de me inclinar, criando tração nas curvas, mas o terreno era muito acidentado e os obstáculos surgiam de repente. Tudo o que eu podia fazer era segurar firme e esperar. No espaço de alguns quilômetros, fui embrulhado pela neve várias vezes. Sempre que eu levava um tombo, minha equipe latia e uivava, como se gostassem da minha *performance* cômica. Era um claro sinal para Dan voltar e esperar por mim.

**Quando eu
caía eles
latiam e
uivavam por
minha falta
de habilidade.**



Brian Keenan com um dos cães numa cabana rústica nas proximidades de Fairbanks, Alasca.

– Você não disse que conseguia fazer isso de olhos vendados? – perguntou ele com alegre sarcasmo depois de meu quarto tombo.

Levantei-me e sacudi a neve. Ele sugeriu que eu persistisse por mais alguns quilômetros, onde desceríamos por um leito de rio coberto de neve que então seria mais fácil de percorrer. Caso contrário, poderíamos voltar os dois em seu trenó, que rebocaria o meu. A derrota a essa altura do campeonato era muito devastadora para ser levada em consideração.

– Não – afirmei. – Não dói muito, mesmo que doa no ego.

– OK! – disse Dan, e partimos novamente, sem mais palavras.

PERCORRER O LEITO do rio coberto de neve era um sonho. Meu trenó parecia uma canoa. Agora eu podia gritar os comandos, e meus cães ficavam felizes em acatar. Vi com que alegria eles se lançavam para a frente.

Dan estava certo quanto ao luar sobre a neve virgem; ele dava um aspecto lunar às elevações e dobras do solo. De certa forma, continha a serenidade imaculada de uma gravura japonesa em preto-e-branco. Por trás de toda aquela suavidade estava um céu imenso, começando a se colorir com a proximidade da noite.

Ouvi Dan me chamar. É óbvio que ele queria que eu parasse, mas eu não sabia a palavra para esse comando.

Deixei os cães fazerem seu caminho, tentando desesperadamente pensar em qual poderia ser a palavra. Foi então que eu disse:

– Calma, *Ben*. Devagar aí, garoto.

O trenó começou a diminuir a velocidade, permitindo que Dan me ultrapassasse e parasse a nossa frente.

– Logo vai ficar um pouco mais escuro. Precisamos descer o lago. Fique atrás de mim a partir de agora.

Não tinha certeza de quando exatamente alcançamos o lago, mas, quando as bordas que definiam o vale pareceram ficar cada vez mais distan-

tes, percebi que devíamos estar perto. À frente estendia-se uma grande planície branca, de aspecto fosforescente. Dan parou e começou a verificar os arreios.

– Agora provavelmente estamos na margem externa do lago. É difícil dizer, o vento não pá-

ra de deslocar a neve. Os cães conhecem e algumas vezes ficam um pouco assustados.

Não me lembro de ter ficado tão aterrorizado em minha vida...

– Você quer dizer que já estamos sobre o lago?

– Estamos, sim – afirmou Dan. – No verão, haverá uns dez metros de água abaixo dos nossos pés.

Em algum lugar dentro de mim, uma voz gritava que o verão estava quase chegando. O medo invadiu minha mente mais rápido do que eu pude controlá-lo. Eu não sabia nadar. E se eu afundasse com o trenó e os cães? Já podia visualizar a cena numa terrível câmara lenta.

– Fique junto de mim – Dan ordenou enquanto prosseguíamos.

A bacia do lago congelado parecia conter o silêncio e atrair tudo para ela. Apenas o ruído das patas dos cães atravessando a neve seca e seu arfar podiam ser ouvidos. Meu medo de afundar estava sendo substituído por algo mais brando, meio infantil. Eu pensava em banho quente e leite

morno. O prazer era inebriante.

De repente, Dan começou a gritar e a agitar os braços no ar. “Olhe para cima, para cima!”, ele gritava enquanto sua equipe parava.

Então olhei para o alto, como quem acabou de acordar num quarto estranho, sem

a certeza de onde está ou de como chegou ali. Acima de mim, o céu se abria numa deslumbrante harmonia de cores e formas, como uma cortina sensorial soprando na brisa; eu quase podia sentir sua textura no rosto. Era a aurora boreal, o esplendor do Hemisfério Norte.

A princípio, era um brilho distante no horizonte que delineava o círculo do lago. Era como estar em alto-mar e ver o reflexo da luz de três ou quatro faróis diferentes fundindo-se no céu. Maravilhosos tons de verde, azul, amarelo, âmbar, laranja e violeta, como se estivessem misturados antes de se abrir num glorioso arco-íris.

**A aurora
aumentava.
O universo
parecia um
glorioso
arco-íris.**

CALMAMENTE, meus cães pararam e se deitaram na neve. Pareciam saber como admirar e receber o que eu conseguia apenas olhar boquiaberto, metade susto, metade perplexidade. A aurora ia aumentando enquanto eu observava, petrificado. Parecia vir em nossa direção com um ímpeto extraordinário. Apesar disso, não havia para onde correr ou se esconder na imensidão branca do lago congelado. Era como se o universo fosse uma massa de células coloridas que se mesclavam e se diferenciavam, cresciam e se multiplicavam.

Desci do trenó e caminhei poucos passos até onde Dan estava, sorrendo aquela maravilha. Não queria falar com ele, nem ele comigo, mas buscava o conforto de um outro ser humano para compartilhar e testemunhar o acontecimento.

Se inicialmente fiquei assustado

com nossa escapada no gelo, estava agora imune a tal medo, embora o cabelo estivesse arrepiado por trás do meu pescoço por diversos motivos. Se o gelo tivesse rachado sob mim naquele exato momento, não teria sentido nada, pois já havia sido suspenso por aquele milagre misterioso e inexplicável que acontecia no céu.

Não sei quanto tempo levou a viagem de volta à cabana de Dan. Só sei que fiz o caminho destemido, atravessando canais e fendas com uma exuberante facilidade. Realmente não sei como, pois meus olhos estavam fixos no céu. Acima de mim, a orquestra celestial continuava a tocar, e dancei por todo o caminho de volta.

Minha jornada havia durado apenas seis ou sete horas no total, mas era como se estivesse fora havia anos. No lago, o tempo parara e eu entrara numa outra dimensão.

RECONHECE OS DITADOS?

- Romper a face. (Quebrar a cara.)
 - Creditar o primata. (Pagar mico.)
 - Deglutir o batráquio. (Engolir sapo.)
 - Colocar o prolongamento caudal em meio aos membros inferiores. (Meter o rabo entre as pernas.)
 - Derrubar com intenções mortais. (Cair matando.)
 - Aplicar a contravenção do Sr. João, deficiente físico de um dos membros superiores. (Dar uma de "João sem braço".)
 - Sequer considerar a utilização de um longo pedaço de madeira. (Nem a pau!)

